

BRASIL: IDENTIDADE NACIONAL NO CONTEXTO GLOBAL

Cláudio Murilo Leal
UFRJ

Todos nós, que lidamos com a área cultural, estamos conscientes da importância de duas vertentes de pensamento e de ação que marcam o perfil deste final de século. Uma, o movimento de globalização que se orienta para a homogeneização das economias nacionais, da mídia, dos produtos industrializados, da cultura de massas, representada pela TV, pelo *best-seller*, por uma música comercialíssima a partir do *rock*, por uma pobre diluição da experiência da pintura informal, abstrata, ou pop ou op (*optical*), todas essas manifestações pseudo-culturais que apagaram paulatinamente os acentos regionais e as dicções pessoais, em favor de uma cultura e uma arte assépticas, digamos, remasterizadas (portanto sem os ruídos do estilo – e como o estilo é o homem, segundo Bouffon – na verdade, uma arte desumanizada, aí, claro, segundo Ortega y Gasset).

Com a globalização nos deparamos, também, com uma cultura colonizada, em que os paradigmas dos países economicamente mais poderosos são impostos às novas gerações, globalização que se apropriou dos meios de comunicação e determina critérios e cânones, geralmente de baixo para cima, o que é um paradoxo.

Contra essa força pasteurizadora, responsável pela uniformização da arte e da cultura, opõem-se resistências que sinalizam outros caminhos, como o renovado reencontro das raízes, a ênfase na tradição e no regional, ou no inconsciente coletivo, mas vistos pela ótica do escritor moderno, que já passou pelas vanguardas e por Freud.

A periferia, em relação aos centros produtores de riqueza e da alta cultura (universidades, museus, centros culturais, salas de concerto, grandes editoras), a periferia é representada por países em desenvolvimento, ou formados pela unificação de organizações tribais em nações soberanas, como as da África, ou por antigas civilizações que atingiram alto grau de cultura no passado e, hoje, perderam essa hegemonia, como o Egito ou a Grécia: essa periferia quer fazer ouvir a sua voz e está determinada a apresentar ao mundo as suas realidades, as suas diferenças.

É nesse momento da criação, entre o novo exógeno e a tradição, que o verdadeiro artista busca entender e revelar a sua própria identidade, tornar seu vilarejo universal, o seu drama pessoal uma história que interesse a toda a humanidade. Neste momento, neste *fiat lux* da criação, a Macondo de Gabriel García Márquez torna-se um cenário tão importante e vibrante quanto a Paris de Baudelaire.

Nesse jogo dialético entre o regional e a abstrata geografia globalizada, entre o sentimento do vaqueiro-personagem de Guimarães Rosa e o do homem cosmopolita, *homme du monde*, onde se evidencia, também, a relação entre o individual (e a obra de arte é individual, única) e o coletivo, vai-se delineando o perfil de um país, como o Brasil, nação emergente, que deseja conhecer-se.

Um outro exemplo interessante, que mostra claramente a dicotomia regional-nacional é o da Espanha, no riquíssimo período pós-ditadura de Franco, entre fins da década de 70 até 90. Em busca de uma pretensa unidade nacional, o Generalíssimo Franco havia subjugado as culturas regionais, aí, claro, incluindo as línguas, como o galego, o euskera, o catalão. Galícia, o País Basco e Catalunha foram submetidos ao chamado poder central, representado por Castilha.

A globalização atual, apesar de revelar a óbvia importância da influência dos EUA (principalmente como detentores da informação), não está centralizada em um país apenas. Talvez esteja centrada no mercado, e a produção cultural não pode ignorar o mercado agressivo do século XX. O livro de poemas de Rimbaud, esquecido nos porões de seu editor e descoberto depois da morte do poeta, poemas que mudaram o rumo e influenciaram a poesia moderna universal, trilhou o caminho inverso da glória mapeada pelos marqueteiros, os homens do *marketing* e da comercialização da cultura.

Com efeito, a linha de montagem da divulgação cultural começa, hoje, de trás para a frente. Primeiro estuda-se a demanda do mercado (o que não necessariamente coincide com o que o leitor deseja) e, por último, encomenda-se ao escritor um romance sobre um aeroporto, um hospital ou um perfume. Mas é verdade que não se fazem mais Lolitas como antigamente.

Dentro desse sucinto e incompleto quadro geral, pode-se, em três ou quatro traços, desenhar a situação artística e cultural do Brasil atual. Dois pontos poderiam ser didaticamente abordados. Como o Brasil se vê (ou quer que o vejam) e como, no Exterior, é recebida a imagem do Brasil cultural.

Quanto à visão dos outros, temos que dar saltos mentais e pensar diretamente na ficção. O primeiro entrave do romancista ou contista brasileiro para se fazer lido e amado no estrangeiro é, claro, a língua. Chega-se à óbvia conclusão que o escritor brasileiro depende do tradutor. Se pensamos em poesia, podemos parodiar Robert Frost ao defini-la assim: poesia é aquilo que se perde com a tradução. A prosa, no entanto, já não está submetida a uma situação limite tão dramática. Mesmo assim, traduzir *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, pode tornar-se, como traduzir *Ulysses*, de James Joyce, uma desastrosa aventura. Entretanto, não devemos nos esquecer de que a literatura russa foi lida no mundo através de traduções.

Sobre a visão de si mesmo, uma das mais lúcidas reflexões sobre a identidade nacional brasileira se encontra no ensaio de nosso maior romancista, Machado de Assis, autor do século XIX, que, em "Literatura brasileira: instinto de nacionalidade", oferece uma lúcida visão de como o escritor brasileiro pode ser nacional e universal, mas ao mesmo tempo ser visto

no estrangeiro como brasileiro, não pelos seus aspectos localistas, mas por um sutil "instinto de nacionalidade" que se manifesta em suas obras. Escreve Machado: "Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor antes de tudo é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço".

Esse sentimento de brasilidade que identifica o homem com o seu país está acima da cor local, do pitoresco, do *costumbrismo*, e é essa posição que orienta o pensamento crítico de Machado de Assis. No entanto, nos dias de hoje, torna-se cada vez mais difícil – e talvez não haja interesse nem vantagem nisso – captar em um escritor esse às vezes delicado, às vezes violento, sentimento de nacionalidade. As referências a locais e costumes vão sendo diluídos cada vez mais no relato literário, apesar de os escritores sempre buscarem em sua cidade natal e na infância fontes inesgotáveis de inspiração. Por isso, a soma dessas experiências pessoais, transformadas criativamente em obras de arte, vão compondo no grande painel de um Brasil real e imaginário, verdadeiro e ficcional, a identidade nacional.

A saga de Erico Verissimo no sul do Brasil, o romance nordestino de José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, a baianidade de Jorge Amado, o paulistano de Alcântara Machado, são peças de um mosaico que pouco a pouco revela a nossa identidade para nós mesmos e para o mundo. Também os escritores mais introspectivos, um Lúcio Cardoso, uma Clarice Lispector, e o precursor da narrativa psicológica, Adelino Magalhães, por trabalharem com uma realidade interiorizada, não são menos importantes na demarcação do perfil do homem brasileiro.

A mentira, a luxúria e a preguiça, os três defeitos de Macunaíma, personagem de Mário de Andrade, foram vistos como características do brasileiro médio, homem dos trópicos, formado da miscigenação do europeu, do africano e do indígena. A caricatura serve, talvez, como uma irônica simplificação. So-

mos 200 milhões, a variedade de qualidades e defeitos não se restringe a três tópicos, mas fica a piada, a carnavalização.

A identidade nacional, pois, se ela existe, se faz de um somatório de características individuais e coletivas e é apresentada ao mundo também pelos seus escritores – o romance (não porque seja documental, realista ou naturalista) é o mais direto e atraente veículo revelador do "retrato do Brasil". Os estudiosos, historiadores, sociólogos, antropólogos, "brazilianistas", procuram fornecer uma visão mais objetiva e com maior embasamento teórico do que a do escritor. Para uma visão abrangente do Brasil, esses textos, o criativo e o "científico", se mesclam, se acrescentam, em busca de um significado que jamais será unívoco, mas sempre plural.

A respeito de como o estrangeiro vê o Brasil: vivi em dois países que não demonstravam maior interesse na cultura brasileira, a Inglaterra e a Espanha. A minha experiência como professor universitário, na Universidade de Essex, me revelou que o interesse maior dos jovens ingleses era pela região do Amazonas, pelo grau de exotismo oferecido e por considerarem que o ar que respiravam em Londres dependia diretamente da selva amazônica. Os ingleses que vinham ao Brasil gostavam do sol, das comidas, da música popular, da facilidade de convivência, da informalidade. A não ser um em cem, não se interessavam pela literatura brasileira.

A questão dos espanhóis se deve a que eles se entendem melhor e mais diretamente com os hispano-americanos. Os livros não necessitam de tradução. Há que lembrar o fato que na Guerra Civil espanhola grande parte da intelectualidade exilou-se no México e na Argentina. Lá, trabalharam nas universidades, na imprensa, nas grandes editoras.

Outros países da Europa, em que não vivi, mas passei algumas temporadas, demonstravam maior identificação e interesse no Brasil cultural: são a Itália e a França. A imigração italiana foi importante nas boas relações mantidas entre os dois países. O temperamento de italianos e brasileiros tem bastante em comum. Senti uma genuína alegria da parte de italianos ao se referirem à cultura brasileira e ao país. O futebol, a música, o cinema, a mulher brasileira precediam a cultura através dos livros. A sonoridade da língua portuguesa falada no Brasil tam-

bém encanta os italianos, musicais sempre. Eles se interessam mais pelas nossas cidades do que pelas nossas florestas. Mais pelo contato pessoal e pela vida urbana do que pela solidão do interior, emblematizada nas paisagens do Brasil Central ou amazônico.

A França sempre manteve uma boa parceria cultural com o Brasil. A França Antártica é uma utopia que ainda se mantém no inconsciente coletivo dos intelectuais. Os vínculos culturais franco-brasileiros são fortes. As belas artes, a arquitetura, a literatura francesa dos séculos XIX e XX foram modelos para a formação dos intelectuais e artistas brasileiros, como se percebe quanto aos autores românticos, os poetas simbolistas, escritores como Flaubert, Maupassant, Zola, Proust, Sartre, Camus. O intelectual brasileiro, que lia francês no original e inglês na tradução, se identificava mais com Paris do que com Londres.

Quanto aos EUA, o conhecimento mútuo vem se fazendo principalmente através do intercâmbio entre universidades. Os americanos estudiosos do Brasil criaram o neologismo brazilianistas, com z, e já se constituem numa poderosa ótica externa. Os escritores brasileiros não são desinteressados da literatura norte-americana. Muitos leram Melville, Poe, Faulkner, Hemingway, John dos Passos e Ezra Pound. A posição do Brasil na Hispano-América também é insólita, única; podemos classificar o Brasil como uma grande ilha cultural. A diversa colonização e a língua nos afastam mais do que nos aproxima a geografia.

Há que falar, também, das relações Brasil-Portugal. Somos os mais próximos e distantes parentes. Pouco nos conhecemos, apesar das juras de amor oficiais durante os eventos, como agora o dos 500 anos de descobrimento do Brasil. Não consigo definir esse escasso interesse mútuo. É claro que lemos Camões, Eça de Queirós, Fernando Pessoa, Saramago.

Tenho a impressão de que o intelectual brasileiro busca horizontes mais amplos do que os portugueses podem oferecer. E os portugueses não necessitam ou não acham graça na nossa literatura, na nossa maneira de ser, informal, irreverente, regida pelo signo do improviso. A mesma língua não nos une, como era de se esperar. No entanto, as novelas de televisão brasileiras fazem sucesso em Portugal. A não ser brasileiros lusófilos

(como o foi Gilberto Freyre) e portugueses brasilianistas, como um Vitorino Nemésio – no mais, são queixas de parte a parte.

Voltando ao tema inicial da identidade nacional e imagem no contexto globalizado, vejo que, nessa homogeneização globalizada, orquestrada pelos economistas, os verdadeiros artistas buscam sempre criar uma arte autêntica e pessoal mas que ao mesmo tempo reflita o seu entorno, seja psicológico, social ou geográfico.

Isso não quer dizer que o artista deve fechar-se às influências externas. O diálogo com obras e autores de outros países é benéfico: a simples imitação, no entanto, enfraquece as possibilidades que a identidade nacional se sobreponha ao efeito diluidor que existe no fenômeno da influência, quando ela não é recebida de forma crítica, como por exemplo no caso das avalanches de *best-sellers* que tomaram conta das livrarias.

Há ainda a remota possibilidade de um país, ou um conjunto de países como os hispano-americanos, com uma literatura ainda não muito divulgada, participarem ou influírem nos movimentos internacionais. Foi o caso do *boom* da literatura hispano-americana, na linha do realismo mágico, do maravilhoso, da literatura fantástica, seja qual for o rótulo para esse "gênero" (colocamos esse conceito de gênero com ressalvas) que despertou grande interesse por parte dos leitores, mais na Europa do que nos EUA, segundo parece. Carpentier, Borges, García Márquez, Cortázar, Juan Rulfo, Carlos Fuentes, Vargas Llosa, Sábato, Onetti, Roa Bastos, muitíssimos foram os autores que renovaram o esgotado veio da literatura regional e realista hispano-americana.

O Brasil ficou fora do *boom* (palavra que os escritores rejeitam por considerá-la ampla demais e com conotações comerciais). Alguns autores brasileiros, como J.J. Veiga e Murilo Rubião escreveram contos no espírito da literatura fantástica, mas tiveram, mesmo no Brasil, mais o reconhecimento da crítica do que do grande público. Como professor de literatura hispano-americana da Universidade do Rio de Janeiro verifico que o desconhecimento entre Brasil e Hispano-América tem diminuído. Há um acercamento cada vez maior, através do conhecimento das obras contemporâneas, de 1940 para cá.

No geral, devo enfatizar que o trabalho do tradutor para a divulgação das literaturas, principalmente a do Brasil, é imprescindível para uma aproximação das diversas culturas. Entre outras instituições, a Fundação da Biblioteca Nacional, do Brasil, tem promovido periodicamente o encontro de tradutores e de agentes literários com a finalidade de divulgar os trabalhos que vêm sendo executados nessas áreas. O Ministério da Cultura brasileiro tem apoiado um contínuo intercâmbio internacional, e a minha presença aqui se deve ao interesse do Professor Nelson H. Vieira, Diretor do Department of Portuguese and Brazilian Studies e do Ministro Francisco Weffort, do Ministério da Cultura, em produzir este rico e profícuo momento de troca de idéias.

Vejo como de capital importância que encontros como esse, do qual estamos agora participando, se prolonguem através da organização de outros eventos, sediados, numa espécie de rodízio, pelos países interessados nessa aproximação cultural. O oferecimento de bolsas de estudo, de intercâmbio de leitores, da criação de cátedras nas universidades, de incentivo à publicação de revistas, a descoberta de novas formas de estímulo aos tradutores e especialistas, todo esse conjunto de ações já tem produzido e deverá produzir mais ainda resultados reveladores das identidades e diferenças entre as diversas culturas nacionais.

Este Seminário que ora se realiza, idealizado e organizado pelo Professor Nelson Vieira, é uma prova e um testemunho de que esforços estão sendo feitos para que a globalização da cultura se faça respeitando-se as diferenças. Para isso, é preciso conhecê-las, e é nesse sentido que estamos todos empenhados em nossos trabalhos.